

## EDUCAÇÃO PARA ENFRENTAR AS INCERTEZAS E O DESENVOLVIMENTO DA RESILIÊNCIA

Maria Dolores Fortes Alves<sup>1</sup>, UFAL, e-mail: [mdfortes@gmail.com](mailto:mdfortes@gmail.com)  
José Batista de Barros<sup>2</sup>, UFAL, e-mail: [josebatista.40@gmail.com](mailto:josebatista.40@gmail.com)

Eixo 8: Histórias de vida como estratégias formativas para o desenvolvimento humano

### Resumo

Neste artigo reflexivo, fruto das minhas vivências como pessoa com deficiência e encontrando-me com o pensamento complexo, transdisciplinar e ecossistêmico, objetivo demonstrar como esses novos saberes e pensamentos contribuíram para “eu encontrar meu lugar no mundo”. E, assim sendo, trilho caminhos, construo saberes que possam legitimar a expressão de todos os seres; que todas as pessoas com e graças as suas diferenças, possam ser legitimadas, *dizer sua palavra, ouvir a palavra do outro* e encontrarem seu “lugar no mundo”. Como perspectiva metodológica, além de minha história de vida e histórias que fizeram a minha vida, faço uso de análise bibliográfica de autores como Edgar Morin, Humberto Maturana, Maria Cândida Moraes entre outros que versam sobre complexidade, transdisciplinaridade e pensamento ecossistêmico.

**Palavras Chave:** resiliência, complexidade, transdisciplinaridade.

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal de Alagoas-UFAL-NDI; Doutora e Mestre em Educação – PUC/SP-CNPq e UB (Barcelona); Mestre em Psicopedagogia e Pedagoga - UNISA; Pós-Graduada em Distúrbios da Aprendizagem pela UBA (Buenos Aires); Especialista em Educação em Valores Humanos; líder do Grupo de Pesquisa PAII (Práticas e Aprendizagens Integradoras e Inovadoras), Pesquisadora RIES (Rede Internacional Ecologia dos Saberes), ECOTRANS (Ecologia dos Saberes e Transdisciplinaridade - CNPq), RIEC (Rede Internacional de Escolas Criativas), GIAD (Grupo de Investigação e Assessoramento Didático. UB) e ADESTE (A Adversidade Esconde um Tesouro - Universidade de Barcelona); autora de diversos artigos e livros.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal de Alagoas, lotado no Núcleo de Desenvolvimento Infantil. Pedagogo e Especialista em Gestão Educacional pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-CE; Especialista em Coordenação Pedagógica pela Faculdade Europeia de Administração de Marketing; Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco. Membro do grupo de pesquisa: Experimentação Pedagógica e Formação de Professores na Educação Básica: Núcleo de Estudos Literários e Linguísticos da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. Membro do Centro Paulo Freire de Estudos em Educação da UFPE. Membro do grupo do Grupo de Pesquisa PAII-UFAL (Práticas de Aprendizagens Integradoras e Inovadoras), Autor de diversos livros e artigos científicos.

## **Introdução**

Neste artigo reflexivo, fruto das minhas vivências como pessoa com deficiência e encontrando-me com o pensamento complexo, transdisciplinar e ecossistêmico, objetiva-se demonstrar com esses novos saberes e pensamentos contribuíram para “eu encontrar meu lugar no mundo”. E, assim sendo, por uma reflexão autobiográfica (ALVES, 2008) misto de minha história de vida em uma pesquisa-ação (PINEAU, 2006) que se une a teoria; busco trilhar caminhos, construir saberes que possam legitimar a expressão e existência de todos os seres. Nesta reflexão, se busca favorecer que todas as pessoas com e graças as suas diferenças, possam ser legitimadas, *dizer sua palavra, ouvir a palavra do outro* e encontrarem seu “lugar no mundo”.

### **Uma história de vida tecida por muitas histórias...**

Certamente não conseguiria contar minha história em poucos parágrafos ou mesmo algumas páginas. Nem mesmo em um livro (ALVES, 2008) pude fazê-la por inteiro pois, ela segue no fluxo da vida tecida a cada minuto segundo na teia da vida e por muitas vidas...

Nasci em um cidade do Sertão alagoano e com 2 anos migrei com a família (4 irmãos, papai e mamãe) para Cidade de São Paulo, em busca de melhores condições de vida, algo que demorou muito...

Seis meses após nossa chegada em São Paulo, tive hepatite seguida de artrite reumatóide infanto juvenil. A fome e o frio batiam a nossa porta inúmeras vezes. A dor passou a ser minha companheira constante. At dezessete anos, setenta por cento dos meus dias, ficava internada em hospitais. Injeções, internações, dores e amores e cores. Sim cores, muitas cores, muita alegria.

Apesar de muitas dores a resiliência já era uma característica minha. Brincava sorria, tudo queria saber o porquê e aprender. De fios de cebola eu fazia crochê para enfeitar minhas bonecas que era de pano (mamãe fazia) ou de sabugo de milho. Pedacinhos de madeira viravam barquinhos em minha mão e de meus irmãos. Tudo era motivo de assombro e alegria. Andar de carrinho de rolimã. Empinar “capucheta” feito de saco de pão, observar passarinhos no ninho, acampar no meio do mato, fazer buracos no chão e até mesmo se esconder do quarto para fugir de injeção.

Com sete anos não consegui frequentar a escola porque não aceitavam pessoas com deficiência. Alfabetizei-me sozinha copiando letrinhas e perguntando porquê. Com

9 anos fui para escola. Caminhava com dificuldades aproximadamente um quilômetro e chegava com os braços feridos pelo esforço físico na bengala “canadense”. Mas, ir para escola era minha alegria. Brincava, aprendia, cantava e sorria. Lia tudo que via. Quando no hospital, minha cama era repleta de livros, contos e recontos, pintava e bordava. Quanta dor, cor e alegria na vida de uma menina chamada Maria.

As quinze descobri minha vocação para docência, ajudando professores e outros colegas. A minha fé na vida, o amor de minha mãe por jamais desistir de mim; o exemplo de meu pai, que valorizava mais livros à televisão ou tênis de marca; meus professores que se fizeram mestres, por construir a inclusão para além das leis, mas pelos caminhos do coração (ALVES, 2009); a minha teimosia em seguir mesmo quando tudo era impossível (além das difíceis condições financeiras, tive fratura de fêmur e um câncer enquanto cursava o mestrado e doutorado), mesmo quando médicos diziam “não tem mais jeito”, e dando braços para voar mais alto, graças minha resiliência e a sinergia da vida: fiz-me professora, escritora, palestrante, mestre e doutora.

Viajei por esse país e por outros para estudar e desbravar os caminhos que se fazem ao caminhar. Caminhos que se constroem olhando nos olhos do outro que se faz meu espelho, dizendo “levanta e anda, eu acredito em você!”

Como resultado de esto, la conducta de un ser vivo es adecuada sólo si sus cambios estructurales ocurren en con gruencia con los cambios estructurales de medio, y esto sólo ocurre mientras su estructura permanece congruente con el medio duran te su devenir de continuo cambio estructural. Finalmente, como sistemas determinados estructuralmente, los seres vivos son sistemas que en su dinámica estructural se constituyen y delimitan como redes cerradas de producción de sus componentes, a partir de sus componentes y de sustancias que toman del medio: los seres vivos son verdaderos remolinos de producción de componentes, a partir de suscomponentes y de sustancias que toman del medio ( ...) (MATURANA, 1999, p. 23)

Certamente, todas as pessoas que fizeram minha vida, trouxeram-me a sensação de pertencimento e permitiram a minha fé inabalável, na sinergia da vida. Permitiram que minha congruência estrutural se mativesse, mesmo me refazendo a cada dia.

### **Atravessando paradigmas e pertecendo a teia da vida**

Sabemos que desde meados século XVII, profundas rupturas e transformações foram ocorrendo no campo científico, na sociedade assim como nos modos de vida e de compreender a vida.

Percebemos lentamente, e seguimos ainda na busca de novas realidades, que nem homem nem natureza são produtos mecânicos que podem ser vistos e analisados analisados como partes, fragmentos. Quando dividimos sem juntar as partes, sem

compreender que em todo sistema, partes compoem um todo, e que tudo que é feito à parte, retroage ao todo, corremos o risco de que partes e todo se destruam ou se auto-destruam (MORIN, 2003; 2001). Pois, assim seguiu o ser humano fazendo a si e a natureza, ao todo, por todos esses anos.

Como uma teia, cada fio que se rompe, enfraquece o tecido (MORIN, 2000; 1997). Assim, é preciso um novo olhar mais sistêmico (MORAES, 2003), amoroso e complexo para compreender as interrelações e interdependência do habitat e dos habitantes (MATURANA; YANEZ, 2009). Se meu corpo é meu tempo, o abrigo de minha alma, o planeta terra é a casa comum em que todos os seres habitam; a morada de milhões de habitantes que devem buscar uma convivência mais amorosa e harmoniosa para não se destruírem.

#### Como explica Capra, o atual modo de vida

[...] tem nos levado a tratar o meio ambiente natural — a teia da vida — como se ele se constituísse de partes separadas, a serem exploradas comercialmente, em benefício próprio, por diferentes grupos. Além disso, estendemos essa visão fragmentada à nossa sociedade humana, dividindo-a em outras tantas nações, raças, grupos religiosos e políticos. A crença segundo a qual todos esses fragmentos — em nós mesmos, em nosso meio ambiente e em nossa sociedade — são realmente separados alienou-nos da Natureza e de nossos companheiros humanos, e, dessa maneira, diminuiu-nos. Para recuperar nossa plena humanidade, devemos recuperar nossa experiência de conexão com toda a teia da vida (CAPRA, 1987, p. 230).

Quíça, na década de 70, a causalidade global nos, diz que no mundo subatômico “as entidades físicas continuam a interagir qualquer que seja o seu afastamento” (NICOLESCU, 1999, p. 25). Nesse novo conceito da física quântica, a não-separabilidade era real, mesmo ao se afastarem, qualquer que seja sua distância, os objetos (partículas) continuam a interagir. Deste modo, tomamos consciência que dois corpos ao se encontrarem, jamais voltarão ao seu estado de origem e jamais se separam. Toda ação é ecologizada (MORAES, 2008), reverbera por todo o universo e retorna para nós de maneira modificada. Estamos sempre ligados uns aos outros por um campo energético. Também, não temos mais controle de nossos atos após realizá-los, pois, ação é energia em movimento. Esse fato aumenta nossa responsabilidade e consciência de pertencimento, independente de nossas características físicas, econômicas ou espaciais. Somos UM; indivíduos com suas características pessoais, singulares; e também somos unos com o todo. Um todo maior, sistêmico, complexo, ecossistêmico. Nos retroalimentamos. Conscientes disso,

la expansión de la conciencia de pertenencia (la experiencia de unidad con el

toda) que la experiencia espiritual es. amplía la sensibilidad, abre la visión. suelta el apego. En la experiencia espiritual y en el cambio que esta trae consigo. y mientras este cambio dura. se amplía la mirada poética de la existencia. y el que la vive se hace visionario. ve donde antes era ciego. Entendida así. la experiencia espiritual es una expansión del. (MATURANA, 1999, p. 18)

Portanto, conscientes de nossa interdependência, certos movimentos duais tornam-se desnecessários e destruidores. Viver no apego, na competição, tomar do outro ou da natureza aquilo que não nos é ofertado, é caminhar para destruição. No sistema, tudo que se cria se recria. Somos produtos e produtores do meio. Quando negamos a existência do outro, também seremos negados, somos espelho, refletimo-nos. Nosso desafio é desenvolver a resiliência e viver em harmonia, em solidariedade, em colaboração em cooperação, conosco e com o outro. É aceitar a nós mesmos e ao outro em nossas diferenças, isso é a ética da vida. Como esclarece Maturana:

Congruencia do vivir en si és vivir con o otro. En el apego, en el deseo de posesión, negamos al otro y creamos con él o con ella un mundo que nos niega. Los problemas sociales son siempre problemas culturales, porque tienen que ver con los mundos que construimos en la convivencia. Por esto, la solución de cualquier problema social siempre pertenece al dominio de la ética; es decir, al dominio de seriedad en la acción frente a cada circunstancia que parte de aceptar la legitimidad de todo ser humano, de todo otro, en sus semejanzas y diferencias. Es la conducta de los seres humanos, ciegos ante sí mismos y el mundo en la defensa de la negación del otro, lo que ha hecho del presente humano lo que es. La salida, sin embargo, está siempre a la mano, porque, a pesar de nuestra caída, todos sabemos que vivimos el mundo que vivimos, porque socialmente no queremos vivir otro. (MATURANA, 1999. p. 36).

(...)que la naturaleza íntima del fenómeno social humano en la aceptación y respeto por el otro que esta en el centro como fundamento biológico de lo social, (*ibid.* p. 37).

Portanto, lembremos que competir é negar o outro em sua existência. E, negar o outro é negar nossa essência biológica e cultural de solidariedade e de cooperação. Destarte, negar o outro é nosso reflexo projetado no outro. Somos o que somos porque negamos ou reconhecemos o outro em nós. O outro nos faz, o outro nos fez... a cultura constrói o homem que faz a cultura... “por eso el reconocer que toda ontogenia es una co-ontogenia y que el mundo que vivimos es solo el mundo que creamos con el otro en social, es también absolutamente esencial en el ámbito de la educación.” (MATURANA, 1999. p.107)

Assim pensamos: reconhecemos no outro os limites, as deficiências ou as possibilidades, nossas possibilidades? A propósito, de quem são as deficiências, de um

membro que não se move ou de "um olhar" limitado que não percebe que a deficiência do outro é seu reflexo no espelho. Cada um olha o limite ou a possibilidade a partir de si mesmo...e reflete no outro. Para compreender o outro e a nós mesmos, é preciso olhar pelo olho de quem olha. É preciso congruência, encontrar-se a partir do ponto de vista do outro, encontrar-se em si mesmo.

Deste modo, para ensinarmos nossas crianças a desenvolver-se em resiliência e enfrentar as incertezas, cabe a educação e educadores...

(...)que respeten a sus niños y estudiantes y no negarles en sus interacciones recursivas con ellos. Sólo cuando padres y profesores se aceptan a sí mismos les es posible aceptar a sus niños y estudiantes, y no negarlos en una devaluación recursiva de su ser. Sólo si padres y profesores se respetan y se aceptan a sí mismos les es posible confiar, respetar y aceptar a sus niños y estudiantes y corregir lo que ellos hacen y no negarlos al hacer esto, invitándoles a reflexionar en la apertura de la consciencia. Pero para que eso suceda, la mayor parte de los profesores y de los padres deben ser reeducados en la biología del amor, de tal modo que recuperan el amor de sí mismos, autoconfianza y autoaceptación en la conciencia de que ellos y los niños tienen todo lo que se pueda necesitar para que la educación sea una manera de vivir intelectual y estéticamente maravillosa, espiritual, gozosa, en la que los niños puedan llegar a ser seres humanos socialmente responsables y felices. (MATURANA, 1999. p. 71 e 72).

Amor é o afeto que se ensina ao viver (BRANDÃO, 2005) e, viver na biologia do amor (MORAES, 2003; MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004) é encontrar-se na congruência de nós mesmos habitando-nos e habitando a casa do outro, regando os laços de convivência com o perfume da compreensão, compaixão e solidariedade. Sentimentos que nos conduzem ao encontro de nós mesmos nos tornando mais livres e resilientes. É preciso amar para mais alto voar...

### **Considerações se fim...**

Considerações sem fim para que a utopia jamais se acabe. A utopia é o alimento da esperança. Acreditar na utopia é acreditar na esperança do que parece impossível. Acreditando, percebemos que todos os "impossíveis" nos fizeram mais fortes e nos transformaram em quem somos hoje.

Em busca utópica de uma cidadania planetária, sei (com toda certeza e fé que meu espírito é capaz de sustentar) que haverá um dia em que habitaremos equanimemente o mesmo planeta, desfrutaremos da mesma água, do mesmo ar, do mesmo pão. Haverá um dia em que não existirá mais rótulos, hierarquias, categorias ou castas que dividem a humanidade: pessoas com ou sem "deficiência", pessoas negras e brancas, ricas e pobres, de todas as culturas serão somente pessoas, indivíduos,

indivisos, únicos. Haverá um dia (quicá haja), em que cada um de nós será visto como ser que é: único.

Como refletiu Alves (2013) em sua tese de doutorado (parte de uma história que compôs essa história) saberemos que somos transculturais pois existe a nossa cultura que é a cultura de todos; somos transpessoais - além de nossa dimensão física, transreligiosos pois, o sagrado habita em nós e no Todo; somos transapiente - a sabedoria que habita em mim circula por todo o universo e gerações.

Como nos diz Zukav (1999) todo pensamento é energia e toda ação é energia em movimento, deste modo todo pensamento, ação, afeto e emoção reverbera e contagia todo universo.

Sei que haverá esse dia e, quando esse dia chegar, não haverá espaço ou cultura privilegiados. Viver, amar, partilhar, aprender, ser e conviver serão direitos cósmicos, universais e privilégios de todos. No dia em que esse dia chegar, poderei dizer que realmente caibo nesse mundo. Sentir-me-ei fio da Teia da Vida (CAPRA, 1999), de importância ímpar como todos os seres. É isso! Serei ímpar e todos serão únicos, unos e *complexus*. E, ainda, a minha aprendizagem e toda aprendizagem construída será para conhecer a mim mesma e, para igualmente conhecer o outro, o universo e os deuses. Assim, conhecendo o mundo que me habita, habitarei conscientemente o mundo que (re)conheço e serei parte desse mundo como ele de mim.

Nesse dia saberei que as palavras cooperação, inclusão, solidariedade, união, compaixão, comunhão e principalmente o amor, materializar-se-ão por todos os lados e dimensões. Ou talvez, até mesmo, deixem de ser palavras porque o verbo se fará carne. Essas palavras deixarão de ser somente palavras e farão parte de nossa corporeidade e de nosso modo de vida: ser, viver e conviver na biologia do amor. Então, nesse dia, não precisaremos mais falar de inclusão! Todos seremos seres em comunhão, expressão dessa imensa tessitura chamada amor e partes do real e do sagrado que habita em cada um de nós. Haverá um dia em que caberão todos no mundo e muitos mundos em todos nós.

E, é por esses sonhos de construção de um mundo para todos que dialogamos hoje sobre o pensamento ecossistêmico (MORAES, 2004), sobre complexidade e transdisciplinaridade. Acreditamos que essas visões apresentam-nos a possibilidade de compreensão do homem como um ser sistêmico, integrado e transcendente: um sujeito constituído por seus diversos níveis de percepção (NICOLESCU, 1999). Esses pensamentos são a base da utopia e do inédito viável (FREIRE 1985; 1992; 2001)) do

mundo que sonhamos, de uma cidadania planetária que construímos a cada dia na ação ecologizada.

Por fim, sem fim, acreditamos que construção de um mundo para todos, faz-se porque tudo que fizermos às partes, se fará ao todo e, tudo que se fizer ao todo se fará às partes. Quando excluimos alguma das partes, enfraquecemos o todo. Pela religação, pelo reconhecimento e pela legitimação das diferenças, desejamos outorgar força, resiliência, amorosidade e tenacidade à tessitura.

Enfim, reconheço que esse dia chegou. Reconheci em mim meu habitat. Pelo olhar do outro que me reconhece (e me reconhecendo reconhece a si mesmo em seus limites e possibilidades) reconheço-me. Habito esse mundo porque esse mundo me habita, me acolhe, me legitima. Reconheço e vivo no o aqui e agora “*infinitum*” que é meu tempo de ser...sou eu mesma, sendo diferente...

#### Ser Diferente

Diferente não é quem pretenda ser. Esse é um imitador do que ainda não foi imitado, nunca um ser diferente.

Diferente é quem foi dotado de alguns mais e de alguns menos em hora, momento e lugar errados para os outros que riem de inveja de não serem assim.

O diferente nunca é um chato. Mas é sempre confundido por pessoas menos sensíveis e avisadas. Supondo encontrar um chato onde está um diferente, talentos são rechaçados; vitórias, adiadas..... Esperanças, mortas.

Um diferente medroso, este sim, acaba transformando-se num chato. Chato é um diferente que não vingou. Os diferentes muito inteligentes percebem porque os outros não os entendem.

Diferente que se preza entende o porquê de quem o agride.

O diferente paga sempre o preço de estar - mesmo sem querer - alterando algo, ameaçando rebanhos, carneiros e pastores.

O diferente suporta e digere a ira do irremediavelmente igual, a inveja do comum, o ódio do mediano.

O verdadeiro diferente sabe que nunca tem razão, mas que está sempre certo.

O diferente começa a sofrer cedo, já no primário, onde os demais, de mãos dadas, e até mesmo alguns adultos, por omissão, se unem para transformar o que é potencial em caricatura. O que é percepção aguçada em: "puxa, fulano, COMO VOCÊ É COMPLICADO".

O que é o embrião de um estilo próprio em: "você não está vendo como todo mundo faz?"

O diferente carrega desde cedo apelidos que acaba incorporando. Só os diferentes mais fortes do que o mundo se transformaram nos seus grandes modificadores.

Diferente é o que vê mais longe do que o consenso. O que sente antes mesmo dos demais começarem a perceber.

Diferente é o que se emociona enquanto todos em torno, agridem e gargalham.

É o que engorda mais um pouco; chora onde outros xingam; estuda onde outros burram. Quer onde outros cansam. Espera de onde já não vem. Sonha

entre realistas. Concretiza entre sonhadores. Fala de leite em reunião de bêbados. Cria onde o hábito rotiniza. Sofre onde os outros ganham.

Diferente é o que fica doendo onde a alegria impera. Fala de amor no meio da guerra. Deixa o adversário fazer o gol, porque gosta mais de jogar do que de ganhar.

Os diferentes aí estão: enfermos, paralíticos, machucados, inteligentes em excesso, bons demais para aquele cargo, excepcionais, narigudos, barrigudos, joelhudos, de pé grande, de roupas erradas, cheios de espinhas ou de malícia. Alma dos diferentes é feita de uma luz além. Sua estrela tem moradas deslumbrantes que eles guardam para os pouco capazes de os sentir e entender. E...nessas moradas estão tesouros da ternura humana. De que só os diferentes são CAPAZES.

(Artur da Távola)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Dolores Fortes. **Construindo Cenários e Estratégias de Aprendizagem Integradoras (inclusivas)**. 276pp. Tese [Doutorado] – Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2013.

\_\_\_\_\_. **O vôo da águia**: uma autobiografia. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**: o saber da partilha. São Paulo: Idéias & Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Aprender o Amor**. Sobre um afeto que se ensina a viver. São Paulo: Papirus, 2005a.

CAPRA, Frijof. **A teia da vida**: Uma compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: editora primeira edição 1999.

\_\_\_\_\_. **O Ponto de mutação** - A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergentes. São Paulo, Cultrix, 1987.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança**. um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **A pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos saberes**: Transdisciplinaridade, complexidade e educação. São Paulo: ProLíbera Editora: Antakarana/WHH -Willis Harman House, 2008.

\_\_\_\_\_. **Pensamento eco-sistêmico**: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. São Paulo: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Educar na biologia do amor e da solidariedade.** São Paulo: Vozes, 2003.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Org. e tradução Cristina Magro, Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

\_\_\_\_\_. **Transformación en la Convivencia.** Con la colaboración de Sima Nisis de Rezepka. Santiago: DOLMEN E DICION ES S.A. 1999a

\_\_\_\_\_. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999b.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. **Amar e brincar:** fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004a.

MATURANA, Humberto, YANEZ, Ximena Davila. **Habitar humano em seis Ensaios de biologia-cultural.** São Paulo: Palas Athena, 2009.

MORIN, Edgar. **Da necessidade de um pensamento complexo.** In MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado. Para navegar no século XXI – Tecnologias do Imaginário e Cibercultura. 3ª. Ed. Porto Alegre: Sulinas, 2003.

\_\_\_\_\_. **A religião dos saberes.** São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. **A inteligência da complexidade.** 3ª. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo.** Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade.** São Paulo: Triom, 1999.

PINEAU, Gaston. **As histórias de vida em formação:** gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006.

ZUKAV, Gary. **A morada da alma.** São Paulo: Cultrix, 1999.